

Para mais informações ou para entrevistas, entre em contato:
Catherine Williams, catherine.williams@unsdsn.org, +1(770) 401-4635
Para acessar o material de imprensa, clique [aqui](#).

Célebres cientistas da Amazônia lançam um pedido de ação urgente

O Painel Científico para a Amazônia apresentará resultados preliminares do primeiro relatório científico para toda a bacia Amazônica

NOVA YORK (E ZOOM) - (14 DE JULHO DE 2021) A [Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável](#) (SDSN) e o Banco Mundial co-organizaram um diálogo de alto nível para apresentar os resultados iniciais do Painel Científico para a Amazônia (SPA) e promover conversas entre cientistas e formuladores de políticas, buscando promover caminhos de desenvolvimento sustentável na Amazônia baseados em evidências. A apresentação aconteceu em um evento paralelo no [Fórum Político de Alto Nível](#) sobre Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Os palestrantes incluíram o Presidente e Prêmio Nobel Juan Manuel Santos (ex-Presidente da Colômbia), Gregorio Mirabal (Coordenador Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica [COICA]), Sr. Guilherme Leal (CEO e Fundador da Natura), Dra. Valerie Hickey (Banco Mundial) e os cientistas do SPA Dra. Mercedes Bustamante (Universidade de Brasília), Dra. Simone Athayde (Universidade Internacional da Flórida), Dr. Marielos Peña-Claros (Universidade de Wageningen) e Dr. Ricardo Abramovay (Universidade de São Paulo).

Urgência de ação com base científica

Pesquisadores vêm alertando sobre as consequências desastrosas da destruição da floresta amazônica há décadas. Com as mudanças climáticas devastando o mundo - com temperaturas cada vez mais altas e eventos climáticos extremos, como recentemente testemunhado por [grandes enchentes no Estado do Amazonas \(Brasil\)](#), e com a [pandemia COVID-19, que ainda continua a se espalhar pelo globo](#), é mais urgente do que nunca promover, divulgar e ampliar soluções e desenvolver caminhos para o desenvolvimento sustentável, assim como fornecer recomendações de políticas relevantes e com base científica para os tomadores de decisão.

Decisões devem ser orientadas por dados claros e confiáveis, fornecidos por especialistas de modo a ajudar o público a entender emergências reais, como a que estamos enfrentando agora. Nesse sentido, o Relatório do SPA, de autoria de cientistas dos oito países amazônicos, Guiana Francesa e parceiros globais, avalia não só o estado dos ecossistemas amazônicos, mas também tendências regionais, implicações para o bem-estar de longo prazo da Amazônia, oportunidades e opções políticas relevantes para a conservação e o desenvolvimento sustentável da Amazônia.

As inúmeras crises que ocorrem na Amazônia impactam fortemente não apenas a comunidade local, mas toda a comunidade global, dado o papel crítico que esse bioma tem nos ciclos globais de água e na regulação da variabilidade climática. Além disso, estudos recentes mostram que o desmatamento e a degradação ambiental podem influenciar o surgimento de novas doenças zoonóticas. [Diante do alarmante aumento do desmatamento na Amazônia](#), é crescente o risco de surtos, que podem ter enormes consequências sociais e econômicas, como visto durante a pandemia de COVID-19. Com os compromissos assumidos para alcançar a Agenda 2030 durante a [Década de Ação das Nações Unidas](#), é fundamental que a estas ações sejam priorizadas para reduzir as ameaças que a região enfrenta atualmente.

Resultados preliminares do Painel Científico para a Amazônia

A Amazônia é uma superpotência em biodiversidade: abriga a maior concentração de biodiversidade do Planeta, com mais de 10% das espécies descritas no mundo. Essa extraordinária diversidade confere estabilidade e resiliência aos ecossistemas e é um produto de uma dinâmica complexa que coevoluiu há milhões de anos. Ainda assim, grande parte dessa biodiversidade é desconhecida pela ciência, e a taxa de descrição de novas espécies para a maioria dos grupos taxonômicos na Amazônia está entre as mais altas registradas (cerca de uma a cada dois dias).

A Amazônia é um elemento crítico do sistema climático terrestre. As chuvas produzidas na região resultam na maior vazão oriunda de rios no Planeta, com cerca de 20% do total do fluxo mundial de rios para os oceanos. Ele também atua como um sumidouro de carbono crucial, armazenando 200 bilhões de toneladas de carbono em seus solos e vegetação.

“A ciência nos diz que enfrentamos riscos potencialmente irreversíveis e catastróficos para os humanos devido a múltiplas crises (declínio da biodiversidade, mudança climática, pandemia de COVID-19). No entanto, também está nos mostrando que há uma estreita janela de oportunidade para mudar essa trajetória. O destino da Amazônia é fundamental para a solução das crises globais. O SPA consolidou uma nova compreensão das respostas dos ecossistemas amazônicos às mudanças que acontecem em taxas sem precedentes, e está apontando a urgência de soluções.” -Mercedes Bustamante.

A Amazônia também abriga cerca de 40 milhões de pessoas, com mais de 2 milhões de Indígenas, incluindo mais de 350 grupos étnicos - cerca de 60 dos quais permanecem em isolamento voluntário. Esse número, no entanto, representa apenas uma fração dos 8 a 10 milhões de Indígenas que viviam na Amazônia antes da colonização e que falavam mais de 1.000 línguas.

Povos Indígenas vivem na Amazônia há pelo menos 12.000 anos, tanto em comunidades Indígenas rurais quanto urbanas, e contribuíram para a biodiversidade que vemos hoje. Os primeiros modos de produção agrícola antes da chegada dos europeus deixaram um legado de agrobiodiversidade e domesticação de pelo menos 155 plantas. Após a incursão europeia na América do Sul no século 16, os escravos trazidos da África trouxeram suas próprias tradições agrícolas, técnicas e variedades de cultivo; muitos pratos emblemáticos da gastronomia latino-americana estão intrinsecamente ligados ao continente Africano.

“A Amazônia é um sistema biocultural vivo que não pode sobreviver sem a valorização, empoderamento e participação dos Povos Indígenas e Comunidades Locais nos espaços rurais e urbanos. A diversidade biocultural na Amazônia e em outros lugares fornece ao mundo inteiro conhecimento, recursos, alternativas e inovações para lidar com a incerteza enquanto navegamos em tempos turbulentos e pontos de inflexão socioecológica da resiliência da Terra. Não pode haver desenvolvimento sem inclusão, equidade e justiça socioambiental”. - Simone Athayde

Hoje, mais de 70% da população Amazônica é urbana. Isso exige uma maior atenção ao urbanismo explosivo da região e do meio ambiente nessas áreas.

Atualmente, 18% da área de floresta da bacia Amazônica foi convertida para outros usos da terra, e em 17% da área remanescente se encontra degradada, sendo a expansão das fronteiras agrícolas e das atividades ilegais os principais agentes de sua destruição. A superexploração, o desmatamento e a fragmentação florestal são as principais ameaças à biodiversidade, tanto nos Andes tropicais quanto nas terras baixas da Amazônia. Distúrbios antropogênicos deixaram mais de 8.000 plantas endêmicas e 2.300 animais em alto risco de extinção. Estes também estão mudando o funcionamento das florestas e de outros ecossistemas, impactando o estoque e sequestro de carbono, diminuindo sua produtividade e resiliência a perturbações, e prejudicando o ciclo de água, com consequências inestimáveis para o bem-estar humano atual e futuro.

Ecossistemas de água doce foram degradados e espécies estão ameaçadas por uma miríade de fatores, incluindo mudanças climáticas, superexploração, poluição, mineração e fragmentação de riachos por barragens hidrelétricas e outras infraestruturas (por exemplo, estradas), alterando os processos do ecossistema ao modificar cascadas tróficas. Essas degradações colocam em risco a segurança sanitária, hídrica e alimentar dos seres humanos, e diminuem a capacidade dos povos e da vida selvagem Amazônicos de se adaptarem a novas mudanças antropogênicas.

Projeções de clima futuro na Amazônia sugerem que, para emissões extremas, o aquecimento pode ser progressivamente mais alto, e que pode exceder até 6 ° C na Amazônia na segunda metade do século, particularmente durante a estação seca. A precipitação média anual diminuirá na Amazônia, com efeitos mais pronunciados no leste e sul da Amazônia. Espera-se um aumento na precipitação sobre o noroeste da Amazônia até o final do século XXI. Uma questão importante é quanto desmatamento, e em quais locais, poderia levar-nos a ultrapassar pontos de inflexão que levariam ao colapso da floresta Amazônica.

Uma rede de quase 7.000 Terras Indígenas (TIs) e outras áreas protegidas (APs) em oito países e um território nacional cobre cerca de 50% da bacia Amazônica. Essa rede é um dos pilares para a conservação da riqueza biológica da região e para a autodeterminação e direitos à terra dos povos Indígenas. Embora tanto as TIs quanto as unidades de conservação mostrem taxas de desmatamento mais baixas do que as áreas florestadas desprotegidas, elas estão sob ameaça contínua da expansão da fronteira agrícola, infraestrutura, concessões extrativistas não-sustentáveis sobrepostas, e de procedimentos “legais” para alterar seus limites e nível de proteção.

“Consideramos que a ciência, hoje representada pelo Painel Científico, os Povos Indígenas da Amazônia, a tecnologia e nossa ciência com nosso saber Indígena, se reúnem neste relatório para passar uma mensagem de preocupação, mas também como uma proposta para o mundo - para empresas, bancos e governos. Queremos a vontade dos governos de avançar para salvar a Amazônia e nossas comunidades.”
- Gregorio Mirabal

Reduzir o desmatamento e a degradação florestal a zero em menos de uma década é fundamental. Estratégias de conservação florestal e da biodiversidade são uma prioridade, e os mecanismos incluem o cumprimento da lei dentro e fora das áreas protegidas, a integração de APs e sistemas agroecológicos sustentáveis em cadeias de abastecimento sustentáveis, incentivos para restaurar áreas degradadas, melhoria da gestão e instituições financeiras, engajamento da sociedade civil e dos movimentos sociais, e novas formas de governança ambiental e de recursos.

A restauração e reabilitação de mais de 360.000 km² de floresta degradada e 470.000 km² de terras agrícolas desmatadas ou abandonadas na Amazônia é uma oportunidade disponível para formuladores de políticas nacionais e regionais que tenham compromissos internacionais de longo prazo, e que trazem benefícios diretos para a população local. O planejamento da restauração e remediação de habitats de água doce é essencial porque muitas vezes essas áreas não se recuperam por conta própria. Isso requer soluções para restaurar a qualidade da água e para restabelecer a dinâmica hidrológica e a conectividade, bem como práticas de pesca sustentáveis como um recurso fundamental para a subsistência local. A restauração e a reabilitação dessas terras abandonadas também podem ser incentivadas por regulamentação ambiental. 20% de todas as terras desmatadas na Amazônia estão abandonadas e estão concentradas no 'arco do desmatamento' e ao longo dos cursos d'água. Para serem eficazes, a restauração e a remediação devem se concentrar em áreas prioritárias nas quais diversos serviços ecossistêmicos sejam maximizados para uma ampla gama de partes interessadas em áreas rurais e urbanas.

“A restauração certamente terá um papel importante na recuperação da qualidade da água, na cobertura florestal e na produtividade do solo na Amazônia. Mas precisamos ter em mente que muitas opções de restauração têm custos altos e são bastante complexas de implementar. Portanto, a restauração deve ser vista como a última opção. Nosso objetivo principal deve ser conservar florestas e corpos d'água, evitando assim a necessidade de restauração futura.” - Marcielos Pena-Claros

O trabalho intersectorial e colaborativo entre governos, sociedade civil organizada e organizações locais e Indígenas para a conectividade andino-amazônica oferece uma oportunidade complementar. Isso inclui a integração da gestão de APs e TIs para a conservação da biodiversidade, fortalecendo as conexões culturais e a vitalidade econômica regional entre os sistemas rurais e urbanos, garantindo uma resposta coordenada aos perigos enfrentados na região, e promovendo a pesquisa internacional avançada e a cooperação intergovernamental global. O fortalecimento da cooperação entre os governos dos países Amazônicos, a sociedade civil, as instituições financeiras, o setor privado, os povos Indígenas e outras organizações de comunidades locais é vital para construir 'a Amazônia que queremos'.

A Amazônia tem imenso potencial para se tornar o epicentro de um modelo de bioeconomia que valoriza florestas saudáveis e em pé e rios fluindo, e que promove o bem-estar de suas populações rurais e urbanas. Para possibilitar o desenvolvimento de uma bioeconomia sustentável e dinâmica na Amazônia é necessário combater as atividades ilegais e os crimes ambientais, fortalecer as cadeias de valor dos produtos da biodiversidade por meio da fusão do conhecimento científico e do conhecimento tradicional, estimular o empreendedorismo, e fortalecer empreendimentos científicos e comunitários com investimentos públicos, privados, nacionais e internacionais.

“A economia de destruição da natureza, que domina a Amazônia até hoje, deve ser substituída por uma economia do conhecimento baseada na natureza, capaz de valorizar a sociobiodiversidade e se tornar um motor do combate à pobreza e à desigualdade no meio rural e nas cidades.” - Ricardo Abramovay

O setor privado tem um papel importante como motor de mudança. Empresas, fundos de investimento e carteiras que comercializam e utilizam produtos Amazônicos são responsáveis por sua produção sustentável e devem fornecer informações transparentes aos consumidores e investidores.

Os impactos na Amazônia afetam toda a comunidade global. Assim, a cooperação global e a responsabilidade mútua são essenciais para o alcance da sustentabilidade da Amazônia. O bem-estar de quem hoje habita o planeta e das futuras gerações depende de sua conservação.

“Somos cientistas que há décadas estudamos a Amazônia e todos seus maravilhosos elementos da natureza. Hoje, estamos exatamente em um momento do destino: o ponto de ruptura é aqui, é agora. Os povos e líderes dos países amazônicos juntos têm o poder, a ciência e as ferramentas para evitar um desastre em escala continental. Na verdade, um desastre ambiental global.” - Carlos Nobre, presidente do SPA e Thomas Lovejoy, membro do Comitê Estratégico do SPA

Sobre o Painel de Ciência para a Amazônia

Em resposta às ameaças urgentes enfrentadas pela Amazônia, e inspirado pelo Pacto de Letícia pela Amazônia, que destaca a importância da pesquisa, da tecnologia e da gestão do conhecimento para orientar a tomada de decisões, um grupo de conceituados cientistas estabeleceu o Painel Científico para a Amazônia em 23 de setembro de 2019, na Organização das Nações Unidas em Nova York, na véspera da Cúpula do Clima do Secretário-Geral da ONU.

O Painel foi [lançado oficialmente](#) em 23 de julho de 2020 e atualmente é formado por aproximadamente 200 cientistas, dois terços da região Amazônica, incluindo indígenas, para debater, analisar e reunir o conhecimento acumulado e colaborativo da comunidade científica, de povos Indígenas e comunidades locais, e outras partes interessadas que vivem e trabalham nos países Amazônicos.

O SPA é convocado sob os auspícios da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (SDSN). Carlos Nobre e Andrea Encalada são os Co-Presidentes do Painel, que foi convocado pelo mundialmente conhecido economista Professor Jeffrey Sachs, Presidente do SDSN. Diversos líderes globais participam do [Comitê Estratégico](#) do SPA, incluindo o chef e empresário Gastón Acurio, a conservacionista Vecita Chicchón, o professor Luiz Davidovich, o maestro Gustavo Dudamel, a diplomata María Fernanda Espinosa Garcés, o cientista Enrique Forero, a Ministra Valerie Garrido-Lowe, o biólogo Angel Guevara, a Deputada Marina Helou, o empresário Guilherme Leal, o professor Thomas Lovejoy, o Coordenador das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica José Gregorio Díaz Mirabal, o ex-presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento Luis Moreno, a Líderança Indígena Beka Munduruku, o ex-presidente do Banco Brasileiro de Desenvolvimento André Lara Resende, o embaixador Rubens Ricupero, o professor Fernando Roca, o fotógrafo Sebastião Salgado, o ganhador do Nobel e ex-presidente da Colômbia Juan Manuel Santos, o jogador de futebol profissional Clarence Seedorf, o chanceler Marcelo Sánchez Sorondo, o administrador do PNUD Achim Steiner e atriz Christiane Torloni.

O SPA está desenvolvendo um relatório inédito, que será lançado no segundo semestre de 2021.

Durante o HLPF, o Painel divulgou versões resumidas de seus 33 capítulos e uma versão preliminar do relatório completo para consulta pública.